



CORPOTÊNCIA: DO APLICAR À EXPERIÊNCIA

Fabio Augusto Pucineli ¹
Gustavo de Sousa Cerqueira ²
Cláudio Sérgio Guassi ³
Beatriz Bresighello Beig ⁴

O presente trabalho é uma reflexão sobre os papéis sociais dos professores de Educação Física (EF) e sua atuação nas comunidades, ensinando modalidades esportivas. É comum ouvir frases como: “professores de EF têm a responsabilidade de formar cidadãos, ensinar valores”. Logo, que sujeitos de enunciação são os professores de EF? Quais enunciados eles proclamam? Que cidadãos são esses a serem “formados”? Para quem, para quais interesses? A EF parece ser uma área na qual o anseio pelo “aplicar” é constante: “ah, muito bonito na teoria, mas como aplico isso na prática?”. Porém, o que seria a prática? Aderir ao exercício que o professor propõe? Simplesmente participar de uma atividade? Seria legítimo o “como” vir antes das compreensões dos problemas? O capitalismo induz a seguir diversos padrões estabelecidos e molda comportamentos, ações e desejos. Desse processo, emerge o ser humano moderno, que valida o mundo pelo saber, pelo poder e pela vontade. Um ser que trabalha, que está informado, que opina, que põe sua existência no fazer das coisas, em constante atividade e que não pode parar. Como professores de esportes em espaços comunitários, notamos que há uma expectativa colocada em nosso trabalho, que o dirige a um contexto *funcional*, com o objetivo de manter a estabilidade e o “bom” funcionamento da sociedade, colaborando com a dominação do sistema vigente de perpetuação do poder. Percebemos que a prática sistematizada do esporte, pela EF, há tempos tem engendrado corpos para uma sociedade competitiva e de rendimento. Em seu artigo sobre o saber da experiência, Jorge Larossa, apresenta três maneiras distintas de conceber a educação: científica e técnica; crítica; e com ênfase na experiência. A clara influência nietzschiana do autor, nos remete a Zarathustra e às três metamorfoses do espírito. Quando

¹ Doutorando em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (Unesp). Professor da Secretaria de Esportes, Lazer e Atividades Motoras – Piracicaba, SP, fapucineli@gmail.com;

² Especialista em Treinamento Desportivo (Unicamp), Professor da Secretaria de Esportes, Lazer e Atividades Motoras – Piracicaba, SP, gustavocerqueira@terra.com.br;

³ Especialista em Ciências do Esporte (Unicamp), Professor da Secretaria de Esportes, Lazer e Atividades Motoras – Piracicaba, SP, claudio_guassi@yahoo.com.br;

⁴ Mestre em Pedagogia da Motricidade Humana (Unesp), Professora da Secretaria de Esportes, Lazer e Atividades Motoras – Piracicaba, SP, biaselam@gmail.com



camelo, o ensino técnico. Saber o “como”. Obedecer e produzir. Ser um cidadão exemplar. Até que o camelo se cansa, racha de tanto ser “pró-ativo”, e se transmuta em Leão. Leão que ruga contra os abusos, que se impõe veementemente, que desobedece quando a ordem é injusta. Faz críticas. Finalmente, se o grande felino perceber que a vida vai além das barreiras formais, de normas e regras pré-estabelecidas, é gerada a Criança. Criança que experimenta, que afeta e é afetada, que afirma a vida em suas contingências. O que pode o corpo? – perguntou Espinosa. O que pode o corpo no esporte? O conhecimento técnico (Camelo) diria o que o corpo pode através de medições, de experimentos, treinamento de força etc; mas para o referido pensador holandês, só é possível saber o que pode o corpo, experimentando (Criança). “Caminhante, não há caminho. O caminho se faz ao caminhar”, ensinou o poeta Antonio Machado. Pois, não há “como”: “como aplico isso na prática?”. O que existe são apropriações dos conhecimentos e experiências conjugadas com os particulares momentos de encontros, que criam novas realidades, agenciamentos e sentires.